

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE (UNI-RN)  
CURSO SUPERIOR EM PSICOLOGIA NOTURNO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II  
PROF. DRA. KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA

LARA RYANE DA SILVA MENEZES

**A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO  
SUJEITO À LUZ DA PSICANÁLISE**

NATAL/RN  
2023

*“Começo da vida!  
Oportunidades,  
Lembranças,  
Marcas,  
Significados e ressignificações.  
Uma mãe que nasce,  
Um pai que nasce,  
Uma filha, um filho.  
Histórias latentes, memórias,  
Alegrias e dores.  
Tudo sendo parido, sentido,  
Vivido!”  
(Karla Cerávolo)*

## A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO SUJEITO À LUZ DA PSICANÁLISE

Lara Ryane da Silva Menezes<sup>1</sup>  
Dra. Karina Carvalho Veras de Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** Para Lacan, o sujeito se constrói no campo do Outro. Este Outro, com inicial maiúscula na terminologia lacaniana, é um elemento simbólico fundamental para a estrutura psíquica e é ocupado por alguém que nos primeiros tempos da constituição subjetiva do bebê ofereça sentidos e significados para as suas manifestações. A mãe, na maioria das vezes, assume o papel de cuidadora e de organizadora psíquica do bebê, ocupando o lugar do Outro. Partindo disso, o objetivo desta pesquisa é identificar, com base na teoria psicanalítica, como se dá a constituição do sujeito a partir da relação mãe-bebê e qual o lugar da função materna nesse processo. O estudo provém de uma revisão bibliográfica tomando como referências autores da psicanálise que discutem a relação mãe-bebê e a constituição psíquica do sujeito, possuindo Lacan como autor protagonista da discussão. A mãe, ou quem assume a posição de agente da função materna, encarrega-se de atender as necessidades primárias e psíquicas do bebê, nomeando as suas vivências. É a partir daí que nos primeiros tempos da vida uma relação de dependência se instala, inaugurando um encontro simbólico entre o bebê e o Outro materno. Foi possível identificar que o cuidado ofertado ao bebê inaugura os primeiros registros psíquicos no corpo e na linguagem, os quais acompanham o sujeito ao longo da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relação Mãe-Bebê. Função Materna. Constituição Psíquica. Psicanálise.

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

## 1. INTRODUÇÃO

O bebê, ao nascer, necessita de alguém que supra as suas necessidades primárias e psíquicas. Segundo a perspectiva psicanalítica, o recém-nascido é diretamente dependente de um outro que invista em atender às suas necessidades para a garantia da sobrevivência biológica e simbólica. Neste viés, Bernardino (2022) acrescenta que o bebê precisa ser cuidado para sobreviver dado o seu desamparo biológico e simbólico. Seguindo esta linha de raciocínio, Winnicott cita (1982c, p. 99, apud LEMOS e TEIXEIRA, 2012, p. 41):

[...] não existe tal coisa chamada bebê, significando com isso que se decidirmos descrever um bebê, encontrar-nos-emos um bebê e alguém. Um bebê não pode existir sozinho, sendo essencialmente parte de uma relação (Winnicott 1982c, p. 99, apud LEMOS e TEIXEIRA, 2012, p. 41).

Desse modo, compreende-se que o bebê necessita de alguém que o ofereça alimentação, segurança, higienização e outros cuidados primários, lhe transmitindo linguagem, fazendo-o pertencer a uma história, oferecendo toque, olhar e um corpo para que possa se constituir. Do ponto de vista lacaniano, este alguém, por sua vez, é ocupado pelo Outro Materno. Este Outro, com inicial maiúscula na terminologia lacaniana, é um elemento simbólico fundamental para a estrutura psíquica e é ocupado por alguém que nos primeiros tempos da constituição subjetiva do bebê ofereça sentidos e significados para as suas manifestações (GARRAFA, 2022).

Ainda sobre o assunto, o autor psicanalítico Lacan vai dizer que o sujeito se constrói no campo do Outro - escrito com letra inicial maiúscula dado o lugar simbólico e primordial que este ocupa para a constituição psíquica do sujeito (GARRAFA, 2022). Somado a isso, Souza, Silva, Rodrigues, Tavares, Sousa e Santos (2017, p. 301) mencionam que “Este Outro apresenta a cultura ao pequeno bebê, que, através do remate do circuito pulsional, atinge a dimensão simbólica do Outro, podendo assim alcançar a linguagem, entrando no discurso.”

Neste sentido, é importante ressaltar que os significantes<sup>3</sup> atribuídos ao bebê, através do Outro, irão inserir o sujeito no discurso, uma vez que “esses significantes que vem de fora inaugura o sujeito na ordem simbólica, na série de significantes que

---

<sup>3</sup> Segundo Elia (2004, p. 42) “[...] o significante pode ser entendido como aquilo que convoca o sujeito, exige o trabalho do sujeito em sua constituição”.

o representarão” (LONGO, 2006, p. 53). Paralelo a esse pensamento, a autora Elia (2004, p. 42-43) ainda acrescenta que para o sujeito se constituir através do campo do Outro, é necessário de um Outro prévio:

[...] é preciso supor um Outro prévio ao sujeito, e isto efetivamente corresponde à nossa experiência. Muito antes do bebê nascer, ou seja, de um ser humano surgir na cena do mundo com a possibilidade de se tornar um sujeito, o campo em que ele aparecerá já se encontra estruturado, constituído, ordenado. Não apenas a cultura, a sociedade, a família, com todos os elementos que as fazem tão complexas, já o esperam, como também a linguagem, como o campo de constituição do sujeito (lembremo-nos de que o sujeito é *sujeito da linguagem*), já se encontra plenamente constituída à espera do sujeito. Há um conjunto de demandas, desejos e desígnios que é dirigido àquele que vai nascer muito antes do nascimento (ELIA, 2004, p. 42-43)

Assente com o pensamento de Elia, Zorning (2010) traz que a pré-história da criança se inicia na história individual de cada um dos pais. A partir desta visão, compreende-se, portanto, a suposição do Outro Materno no bebê muito antes do seu nascimento.

É válido ressaltar que no âmbito de estudo de Lacan embora o Outro Materno carregue esta nomenclatura, remetendo-se a figura feminina de mãe, pode ser ocupado por outras figuras, como um pai, avó, avô, tio, tia ou por qualquer pessoa, desde que ofereça sentidos e significados para as manifestações do bebê. No entanto, é a mãe, na maioria das vezes, quem ocupa este lugar, assumindo o papel de cuidadora e de organizadora psíquica do bebê. Teixeira e Lima (2012) aponta que ocupando o lugar do Outro Materno a mulher sara a sua ferida narcísica diante o filho que nasce e substitui a “inveja do pênis”, como discorre Freud no Complexo da Castração. É a partir daí que uma relação de dependência mãe-bebê se instala. O bebê precisa deste Outro Materno para suprir as suas necessidades e a mãe, ocupando o lugar do Outro, sara a sua ferida narcísica, uma vez que o bebê se torna o seu objeto de desejo, suprimindo o falo<sup>4</sup>, aquilo que falta. Ainda de acordo com Teixeira e Lima (2012, p. 32) “Nas teorizações Freudianas a maternidade estaria

---

<sup>4</sup> Segundo Bleichmar, 1988 apud Gianlupi, 2003, p. 31 “Falo: diferente de pênis. Elemento organizador da sexualidade, pois é o significante do desejo, aquele que, por faltando, impele o sujeito a desejar; Falo imaginário: objeto desejado que terá como função suprimir a falta (representação do pênis); Falo simbólico: significante da falta. Possibilidade de tomar corpo em diferentes objetos (pênis = fezes = filho = dinheiro = presente) para obturar momentaneamente essa falta; constitui-se a partir do momento em que o bebê não forma mais uma unidade perfeita com a mãe (por esse motivo o falo funda e ordena as relações familiares).”

situada como uma possível saída diante da constatação da castração, como se a criança pudesse vir a ser um objeto capaz de substituir a falta do pênis”.

Assim, como visto, é num cenário de dependência e enlace pulsional que a relação mãe-bebê se estabelece e se torna integrante para a constituição psíquica do sujeito. Portanto, entende-se que a constituição psíquica do sujeito depende da relação estabelecida com o Outro Materno. Mas como a relação mãe-bebê se estabelece para que isso aconteça? Corroborando com a pergunta, Jerusalinsky (2009, p. 1), vai dizer que “A relação mãe-bebê não está garantida por condições naturais, depende do estabelecimento de um laço simbólico”. Em publicações posteriores, a autora acima (2014, p. 14) complementa o seu pensamento discorrendo:

O laço mãe-bebê não é efeito nem do instinto previamente estabelecido como um saber da espécie acerca de ser mãe, nem do que pode ser racionalmente aprendido. Tampouco de um quantum de afeto materno. Este laço, para seu estabelecimento, depende de que os cuidados que a mãe dirige ao bebê estejam permeados por uma série de operações psíquicas que implicaram sua economia de gozo e sua transmissão inconsciente de um saber. Um bebê não vem em qualquer lugar para uma mulher. Para que ela possa tornar-se mãe é preciso, como Freud demonstrou, que inconscientemente o bebê fique situado em uma longa e trabalhosa equação de equivalências simbólicas - pênis-falo-bebê - a serem tramitadas por uma mulher (JERUSALINSKY, 2014, p. 14).

Concordando com Jerusalinsky, Zorning (2010) menciona que para a mulher, “[...] o desejo de ter um filho seria um deslizamento do desejo de ter um pênis, colocando o bebê numa equação simbólica: bebê = falo”.

Dentre o que já foi discutido, torna-se possível compreender que a relação mãe-bebê é marcada por um sujeito constituído e inserido na linguagem e outro a ser constituído e a ser inserido na linguagem. Levando em consideração esse contexto, a mãe, através de operações psíquicas, é o Outro primordial para a constituição subjetiva do sujeito, uma vez que, atenta ao filho, voltar-se-á a ele, atendendo as manifestações da criança a fim de satisfazê-la, fazendo do bebê o seu objeto de desejo, oferecendo-lhe um ambiente suficientemente bom (LEMOS e TEIXEIRA, 2012).

Diante dessas elucidações, este trabalho parte da seguinte pergunta-problema: como se dá a constituição do sujeito a partir da relação mãe-bebê e qual o lugar da função materna nesse processo?

Assim, com o intuito de adentrar ainda mais na compreensão desta temática, este estudo terá como objetivo identificar, com base na teoria psicanalítica, como se dá a constituição do sujeito a partir da relação mãe-bebê e qual o lugar da função materna nesse processo.

A metodologia utilizada para o embasamento da pesquisa é de caráter qualitativo, de natureza básica, com objetivo exploratório, realizada a partir de uma revisão bibliográfica contemplando as bases teóricas de materiais já publicados, como artigos científicos, dissertações e livros, tomando como referências autores da psicanálise que discutem a relação mãe-bebê e a constituição psíquica do sujeito. Desse modo, no presente estudo, serão apresentadas contribuições tanto de autores clássicos da psicanálise, como Freud, Winnicott e Lacan, sendo esse último, em especial, o autor escolhido como protagonista da discussão, quanto em autores contemporâneos que discutem a temática em questão.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

Observou-se, a partir das discussões encontradas, que o bebê se constitui a partir da relação com o Outro primordial que exerce sobre ele a função materna. Lacan vai chamar o Outro Materno de Outro primordial devido a sua importância na constituição psíquica do sujeito (GARRAFA, 2022). Sobre o assunto, em seus estudos, a autora citada discorre que:

Ocupar o lugar do Outro para um bebê é oneroso - não tanto pela necessidade de cuidados orgânicos, mas sobretudo pela exigência de trabalho psíquico. O cansaço de muitas mães e pais na experiência de cuidar articula-se à mobilização que esse processo implica. Ele exige uma disposição para oferecer ao pequeno: o próprio corpo como um lugar de satisfações; o olhar que lhe devolve uma imagem de si; a voz que fisga para o mundo das trocas amorosas e uma intensa produção de saber, a qual enlaça todos esses elementos e suas alternâncias em termos de presença e ausência (GARRAFA, 2022, p. 62).

Consoante com as ideias da autora sobre o Outro, Souza, Silva, Rodrigues, Tavares, Sousa e Santos (2017) citam “[...] o sujeito, como ser de desejo, não nasce pronto, mas constitui-se por meio de interações mediadas pelo Outro, responsável por apresentar ao pequeno bebê o campo simbólico.”. Nesse cenário, Lacan aponta que é justamente investindo no bebê que o Outro se tornará o agente da função

materna (GARRAFA, 2022). Nesse viés, cabe ressaltar que oferecer o próprio corpo como um lugar de satisfação simboliza a entrega do Outro para o sujeito.

Sendo um conceito caro para a psicanálise e desenvolvido por Lacan, a Função Materna, como discorre Garrafa (2022), se caracteriza por um adulto que estabelece com o bebê uma relação privilegiada, lhe transmitindo linguagem, a qual se torna significativa para a constituição subjetiva do sujeito. A mãe, ou quem assume a posição de agente da função materna, encarrega-se de atender as necessidades primárias e psíquicas do bebê, nomeando as suas vivências. Garrafa ainda acrescenta que (p. 64) “Seja ela exercida pela mãe, pelo pai, pela avó, por família acolhedora, por educador de serviço de acolhimento ou por qualquer outra pessoa, a função materna é mobilizadora e exigente do ponto de vista psíquico.”.

O bebê é o objeto de desejo do seu agente da função materna. Sendo assim, quem exerce esta função deve investir no bebê para que esse se organize e se constitua psiquicamente. Nessa linha de raciocínio, é fundamental que a criança experimente o sentimento e o lugar que ocupa da vida do Outro pela via da função desempenhada pela pessoa que cuida, amamenta, olha nos olhos, ouve o que ela diz - não sendo necessariamente a mãe biológica quem irá exercer isso, mas alguém que exerça a função materna (THEISEN, 2014).

Theisen em suas discussões acrescenta que (2014, p. 03) “[...] a função materna sustenta para a criança uma imagem que serve para ela como referência para constituir-se subjetivamente.”. É a partir dos cuidados que recebe do Outro que o bebê irá se constituir. Este Outro cuida-se, portanto, de estar atento aos sinais e as manifestações do bebê, interpretando-as e é nesse enlace e suposições maternas que a relação mãe-bebê passa a ser estruturante para a constituição psíquica da criança.

Os autores Esteves, Anton e Piccinini (2011) descrevem que, segundo Winnicott (2000 [1956]), no estado de preocupação primária, correspondente ao período antes do nascimento até as primeiras semanas de vida do bebê, a mãe deverá ser capaz de identificar, no momento certo, às necessidades vitais do seu filho a fim de satisfazê-las. Assim, num movimento de sintonia sutil, a mãe passa a identificar-se com o seu bebê, sentindo o que o seu filho sente e precisa, possibilitando que a partir da relação mãe-bebê o bebê passe a se constituir psiquicamente, já que a sua constituição se dá na relação com o Outro. Agregando a este pensamento, Esteves, Anton e Piccinini (2011, p. 80) afirmam: “Esse apoio

materno funciona como uma concha protetora que, à medida que o bebê se desenvolve, é gradativamente retirada”.

Segundo Barroso (2011, p. 9), “Em Lacan, o eu é produzido a partir da imagem do Outro, no que ele nomeia ‘estádio do espelho’ (LACAN, 1966/1998)”. No Estádio do Espelho Lacan traz que diante de um espelho, quando o bebê olha para si, enxerga reflexos da imagem de sua mãe. A contar desse momento, somando ao desenvolvimento da criança, com o olhar ainda voltado para o espelho, o bebê se dá conta da sua imagem e de quem é. É neste contexto que o bebê conquista a sua identidade e inaugura um lugar na linguagem conquistado a partir dos cuidados ofertados pelo Outro. Segundo Couto (2017, p. 6): “Ao olhar para a imagem refletida, o bebê se reconhece nela e sua expressão se enche de júbilo. Se pudesse falar, falaria: ‘Este sou eu!’”. Longo (2006) afirma que:

Dos 6 aos 18 meses, quando colocada diante de um espelho, a criança dá grande importância a sua imagem, exibindo mímica jubilatória. Nesse ponto, configuram três etapas: a) a criança reage como se a imagem no espelho fosse a imagem de um outro; b) em seguida, cessa de tratar a imagem como um objeto real no momento em que desiste de pegar o “outro” atrás do espelho; e c) a criança reconhece o outro atrás do espelho como sua própria imagem. Este é um processo de identificação, de conquista progressiva da identidade de um sujeito. Essa identificação primária será o tronco de outras identificações na vida de um sujeito. Ela é dual (porque há dois termos: criança e imagem) e narcísica, como diria Freud. Para Lacan, trata-se de uma identificação imaginária que não é ela (a imagem não fala e não vê), mas que está completa e perfeita, daí sua alegria ao juntar seu corpo à imagem (LONGO, 2006, p. 49-50)

Desta forma, é com o olhar voltado para o Espelho que o bebê irá se alienar a imagem do Outro a partir dos significantes que lhe são atribuídos. A sua relação com o Outro é alienante e esse momento é de suma importância para a conquista da identidade de um sujeito, uma vez que ele precisa se vê no Outro para enxergar a si mesmo.

Na visão lacaniana, a constituição psíquica do sujeito é resultante da alienação e da separação. O primeiro tempo desta constituição, a alienação, corresponde justamente ao momento em que a criança irá sujeitar-se ao desejo do Outro, desejando ser o complemento da mãe, ser o objeto de desejo, aquilo que lhe falta - o Falo. Segundo Longo (2006, p. 50) “Desejar ser o Falo da mãe significa que a criança está alienada de seu desejo: está alienada no desejo da mãe, imersa numa identificação narcísica. Esses são os traços de uma identificação imaginária”.

Neste momento, a criança ainda não conquistou o seu lugar da linguagem, já que para isso acontecer, é necessário de uma instituição terceira, denominada por Lacan de *Nome-do-pai* para a romper fusão imaginária da criança com a sua mãe. Este momento marca o segundo tempo da constituição subjetiva, a separação. Para Couto (2017, p. 7):

O sujeito é causado pelo desejo do Outro, se aliena nele e assume a posição de objeto do desejo do Outro. Assim, se para adentrar a linguagem o sujeito precisa se alienar no campo do Outro, para adentrar ao desejo ele precisa sair desse lugar de objeto. O Outro da separação não coincide com o Outro da alienação, porque esse Outro encarna que o desejo não é completo, é faltoso (COUTO, 2017, p. 7).

Vale salientar que o processo de constituição subjetiva é permeado de operações psíquicas que estruturam o sujeito. Catão (2009) dialoga sobre o assunto afirmando quatro eixos fundamentais na relação mãe-filho que inscrevem marcas no corpo do bebê a partir dos cuidados recebidos pelo Outro cuidador. Para a autora, além de serem operações constituintes para o bebê, esses eixos orientam as funções físicas e psicológicas da criança, e se caracterizam por:

- a) Suposição do sujeito: implica a possibilidade do agente materno supor o bebê e o que ele deseja, considerando o grito um apelo, interpretando-o e revestindo-o de significação - este eixo se aproxima com o que Winnicott diz ser o estado de preocupação materna primária;
- b) Estabelecimento da demanda: a mãe traduz em palavras as ações da criança, estando atenta aos pedidos do bebê, dirigindo-se a ele a fim de respondê-lo - é realizando tais atos que a mãe neste eixo opera como o Outro Cuidador;
- c) Alternância presença - ausência: O Outro cuidador deve responder aos gritos e desejos do bebê com uma alternância, tanto física quanto simbólica, devendo ser deixado um intervalo para a resposta da criança. É nesse movimento que o bebê dá-se conta que a mãe faltosa. Essa experiência de descontinuidade é necessária para que o bebê advenha como ser desejante, autônomo e singular;
- d) Função paterna: A criança deixa de ser o objeto unicamente do gozo da mãe a partir da presença de uma instância terceira, o *Nome-do-pai*. A interdição produzida por essa instância leva a criança a procurar

modos de satisfação para além do corpo da mãe, conquistando, assim, o seu lugar no discurso, na linguagem.

Mediante as discussões acima, é válido ressaltar que a linguagem que chega ao sujeito nos primeiros tempos da constituição psíquica vem de fora, daqueles que já estão no mundo. Neste contexto, Longo acredita que “a fundação do sujeito depende de um ato “paterno” externo à criança, depende do significante vindo do campo do Outro”.

Quando aludimos que a mãe deseja algo além do bebê, identificamos a sua condição faltosa. É por seguir desejando, por olhar para outras direções, que a mãe introduz um terceiro significante na sua relação com o bebê. Apesar de Lacan ter nomeado esse significante de Nome-do-Pai, ele não se reduz ao pai de fato (o genitor), mas a qualquer elemento que se coloque entre o bebê e sua mãe: o emprego, outro filho, uma atividade de lazer ou esportiva, afazeres domésticos, enfim. Sendo assim, a função paterna, por vezes encarnada na figura de um pai, vai impedir a fusão da criança com a mãe, cujo desejo é avassalador (COUTO, 2017, p. 7).

É necessário compreender que o processo de constituição psíquica do bebê é permeado de operações psíquicas de alienação e separação. Em primeiro momento, como já mencionado, o bebê aliena-se a imagem do Outro do Materno e vê no espelho reflexos da imagem da sua mãe. Percebendo, portanto, que a mãe tem outros interesses e desejos, o bebê a identifica como faltosa e compreende que não é o seu único objeto de desejo. Para que a separação de fato ocorra é importante que o Outro Materno demonstre que é um sujeito desejante. O *Nome-do-pai*, como chama Lacan, representa e interdita a fusão imaginária do bebê com a sua mãe.

Isso significa que a criança não será mais o falo da mãe, o que indica que a mãe segue desejante e não plena, pois o desejo é sinônimo de falta, de castração. Nesse ponto, é como se a criança se questionasse sobre seu lugar no desejo do Outro, o que o Outro quer dela. A resposta a essa questão aponta para a estruturação psíquica do sujeito. Portanto, o Nome-do-Pai se apresenta como o significante que define as estruturas clínicas, neurose, psicose e perversão, cada uma delas sendo o modo pelo qual o sujeito lida com a castração, respondendo à questão sobre o desejo do Outro (COUTO, 2017, p. 7).

Os estudos de autores clássicos e contemporâneos da psicanálise contribuem para a compreensão acerca da importância da relação mãe-bebê para a constituição psíquica do sujeito, entendendo a função materna como elemento

simbólico fundamental para a conquista da identidade de um sujeito. Como diz Couto (2017, p. 8) “Quando a criança é separada da mãe pelo interdito paterno, ela passa a ser entidade distinta ao invés de simplesmente encarnar o objeto do desejo da mãe. É assim que ela se insere na ordem da cultura como um sujeito”. E assim a criança entra no campo do desejo, não vendo mais a imagem da sua mãe no espelho, mas vendo a sua própria imagem.

Ser o agente da função materna e voltar-se para o bebê, apesar de ser oneroso e demandar um intenso trabalho psíquico para quem ocupa este lugar, registra e inaugura para o sujeito o campo da linguagem.

### **3. CONCLUSÃO**

Esta pesquisa permitiu refletir sobre a importância do Outro Primordial para a constituição psíquica do sujeito e como a relação mãe-bebê se dá através de trocas simbólicas constituintes. Além disso, foi possível identificar que o cuidado ofertado ao bebê inaugura os primeiros registros psíquicos no corpo e na linguagem, os quais acompanham o sujeito ao longo da vida.

Apesar de interditar a fusão imaginária da criança com a sua mãe, o *Nome-do-pai* se torna um importante significante para a estrutura clínica e psíquica do sujeito, já que não havendo-o, a criança tende a permanecer alienada a imagem do Outro, como defende a psicanálise.

Convém ressaltar que estes primeiros tempos de constituição subjetiva se perpetuam e atravessam o sujeito em toda a sua história, uma vez que os significantes atribuídos nos primeiros tempos de vida marcam e se estendem por um tempo cronológico não determinado ao sujeito.

À guisa de conclusão, é válido frisar que cada relação mãe-bebê é única e os sujeitos envolvidos nesta relação vivenciam uma experiência singular a cada eixo de operações psíquicas. Assim, faz-se imprescindível um olhar individual a cada história e constituição psíquica quando se fala em sujeito e relação mãe-bebê.

#### 4. REFERÊNCIAS

BARROSO, Adriane de Freitas. **Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan.** Barbaroi, Santa Cruz do Sul , n. 36, p. 149-159, jun. 2012 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782012000100009&Ing=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100009&Ing=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 jun. 2023.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. A concepção lacaniana de sujeito. *In*: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera; (Organizadoras.). **Laço.** 1. ed; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 27-35. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).

CALZAVARA, Maria Gláucia Pires; FERREIRA, Monique Aparecida Vale. **A função materna e seu lugar na constituição subjetiva da criança.** Estilos clin., São Paulo , v. 24, n. 3, p. 432-444, dez. 2019 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282019000300008&Ing=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000300008&Ing=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 jun. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i3p432-444>.

CATÃO, Inês. **O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo.** 1. ed. Instituto Langage, 2009.

COUTO, Daniela Paula do. **Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito.** Psicol. pesq., Juiz de Fora , v. 11, n. 1, p. 1-2, jun. 2017 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472017000100004&Ing=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000100004&Ing=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 set. 2023.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. (Coleção Psicanálise passo-a-passo).

GIANLUPI, Andrea Gabriela Ferrari. **Tornar-se mãe: a maternidade da gestação ao primeiro ano de vida do bebê.** Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6041/000435644.pdf?...1>>. Acesso em: 02 set. 2023.

JERUSALINKY, Julieta. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo.** 2009. 272 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15847>>. Acesso em: 05 de jun. 2023.

LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. (Coleção Psicanálise passo-a-passo).

SOUZA, Marina Batista de et al . **Da vibração ao encontro com o outro: psicanálise, música e autismo.** Estilos clin., São Paulo , v. 22, n. 2, p. 299-318, ago. 2017 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282017000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 29 out. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i2p299-318>.

TEIXEIRA, Laisa Gonçalves; LEMOS, Moisés Fernandes. **A relação mãe-bebê: um vínculo necessário.** Perspectivas em Psicologia, Vol. 16, N. 1, Jan/Jun 2012, p. 25-45. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/download/27546/15100/108367>>. Acesso em 03 maio 2023.

TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera; (Organizadoras.). **Parentalidade.** 1. ed; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).

TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera; (Organizadoras.). **Laço.** 1. ed; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).

THEISEN, Ana Paula. **A função materna na constituição psíquica.** (Dissertação em Psicologia) UNIJUÍ, Santa Rosa. 2014. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2894/ANA%20PAULA%20THEISEN%20TCC%20FINAL.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

ZORNING, Silvia Maria Abu-Jamra. **Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade.** Tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v.42.2, p.453-470, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>>. Acesso em: 02 de jun. 2023.